



**INSTITUTO DE HUMANIDADES (IH)
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

UMARO SEIDE

**VIOLÊNCIA E GÊNERO:
UM ESTUDO VOLTADO À REGIÃO DE BAFATÁ SOBRE A VIOLÊNCIA
FÍSICA E PSICOLÓGICA CONTRA A MULHER (2018-2022)**

ACARAPE-CE-

2023

UMARO SEIDE

VIOLÊNCIA E GÊNERO:

**UM ESTUDO VOLTADO À REGIÃO DE BAFATÁ SOBRE A VIOLÊNCIA
FÍSICA E PSICOLÓGICA CONTRA A MULHER (2018-2022)**

Trabalho de conclusão de curso do Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharelado em Humanidades.

Aprovado em: 22/11/2023

BANCA EXAMINADORA

**Profa. Dr. Vera Rodrigues da Silva
(Orientadora)**

**Profa. Dr. Peti Mama Gomes
(Examinadora interna)**

**Profa. Dr. Cristina Mandão Ocuni Cá
(Examinadora externa)**

UMARO SEIDE

VIOLÊNCIA E GÊNERO:

**UM ESTUDO VOLTADO À REGIÃO DE BAFATÁ SOBRE A VIOLÊNCIA
FÍSICA E PSICOLÓGICA CONTRA A MULHER (2018-2022)**

Trabalho de conclusão de curso do Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharelado em Humanidades.

Orientadora: Profa. Dra. Vera Rodrigues Da Silva

ACARAPE-CE-2023

AGRADECIMENTO

Eu escrevi um dos meus poemas dizendo que, agradecer é reconhecer que sozinho não se vai longe, também é prestar contas do feito e do vivido, é dizer nada poderia ser feito sem ajuda de tantas mãos, de tantas vidas, de tantas inteligências e de tantos corações.

Assim sendo, agradeço a Deus por ter permitido que a minha vida fosse iniciada nos ventres dos meus ancestrais africanos, ancestrais que mesmo na dor bateram tambores dia e noite, cantaram e dançaram dia e noite, todavia, foram em minha busca para me tirar do exílio. Ancestrais que não permitiriam que perdesse o negrume, e não permitiriam que eu deixasse de seguir as ideias pan-africanistas.

Dedico este trabalho para minha família maravilhosa, minha esposa e a minha filha, Andria Aua Nhanque e Adrimara Safira Nhanque Seide. Agradeço de forma muito especial a minha esposa, às vezes me faltam adjetivos para lhe agradecer, eu não sei o que seria de mim sem você, sem você a minha vida não teria sentido, eu te amo mamãe da minha princesa, posso prometer lhe dar tudo de mim. Eu queria muito que soubesse o quanto é especial para mim, você é o meu ponto de paz, desde que entrou em minha vida, tudo se tornou melhor, tudo o que preciso eu encontrei em você, as palavras não são suficiente para falar de te, o que eu precisava aprender foi você que me ensinou, eu percebo agora que nada faz sentido sem você, eu te amo mais que você possa compreender. Não sei dizer se é muita coincidência se apaixonar pela mesma pessoa todos os dias. Já faz dez anos juntos “mas” parece-me que só estamos dez dias juntos. Obrigado Deus pela linda família que o senhor me deu. Minha sincera gratidão à mãe da minha filha, você ilumina minha vida e me traz segurança e conforto.

Agradeço a minha querida mãe! Que está sempre disposta a me ajudar a progredir de uma forma humilde e honesta, mesmo não sabendo com precisão sobre o que eu estudo, está sempre a tecer elogios sobre a minha pessoa, você me ensinou que a vontade e a motivação são alicerces de estudos. Agradeço pela educação, e cada palavra de sabedoria que compartilha, e as inúmeras lições que você me ensinou, seu amor tem sido uma presença constante em minha vida e infinitamente grato pela mulher incrível que você é. Você tem sido a minha protetora, minha guia e minha maior apoiadora desde o momento que eu vim a este mundo, seu amor e sacrifícios inabaláveis me transformaram na pessoa que sou hoje, eu tenho orgulho de você, da sua compaixão e na maneira como você fez de nossa casa um lar, tenho sorte de chamá-la de mãe, seu

amor me deu coragem para enfrentar os desafios e confiança para perseguir meus sonhos. Minha sincera gratidão por seu amor, sua orientação e a felicidade que você traz para minha vida.

Agradeço o meu pai, desde pequeno você foi o meu exemplo de amor. Hoje entendo que você foi o primeiro homem bondoso com que tive contato e, graças a isso, não permito que ninguém me trate de forma inferior. Quero agradecer por ser esse grande exemplo e por ter me criado com tanto carinho e respeito. Com certeza o senhor é o meu eterno herói. Eu lembro-me sempre dos seus conselhos, você falou que a gente estuda para aproximar das pessoas e não para fazer o contrário. Você falou que o conhecimento se procura com humildade, e falou para nunca desistir de lutar, minha sincera gratidão meu eterno herói.

Agradeço aos familiares, amigos, colegas e professores/as da Unilab, sobretudo a minha magnífica orientadora Profa. Dr. Vera Rodrigues Da Silva pela paciência, sinceridade e estímulo mostrados a mim durante a feitura deste trabalho.

Minha sincera gratidão para esta universidade diferencial. Tem sido um prazer e uma honra ser estudante desta instituição, pois a Unilab fez com que eu começasse a pensar de outra forma no que concerne à África em particular a Guiné-Bissau sobre a violência e gênero. A minha visão sobre o mundo está a cada dia sofrendo transformações a despeito de ser um iniciante na vida acadêmica e de não ter, por enquanto, uma visão ampla no que tange a análise das situações do mundo. Como estudante da Unilab, reparei que os conteúdos programáticos estudados em meu país são marcadamente eurocêntricos, visto que falam especificamente da história da primeira e segunda guerra mundial, revolução industrial, revolução francesa, guerra civil espanhola entre outros factos históricos da Europa. Quanto aos assuntos da África, estuda somente histórias de alguns impérios, nomeadamente: Mali, Gabu, Songai e Gana.

Também se estudam poucas coisas sobre os líderes africanos. Ingressando na Unilab comecei a estudando e conhecendo as vidas e as obras dos grandes visionários e pensadores africanos, afro-brasileiros e médio-orientais, designadamente: O nosso líder carismático Amílcar Lopes Cabral que eu ouvia o nome dele pelas pessoas nas ruas e pela rádio e nos jornais, no entanto, jamais falávamos dele nos conteúdos da escola. Foi na Unilab que eu comecei a ler os livros do intelectual Senegalês Cheik Anta Diop, Kwame N'krumah, William Edward Du Bois, Edward Said, Frantz Fanon, Chimamanda Ngozi Adichie, Oyeronke Oyewumi, Vera Rodrigues, Luís Tomás, Carlos subuhana, Lourenço Ocuni Cá, entre outros. Estudamos também alguns volumes do livro da

história geral da África que é uma obra prima para a historiografia do continente. Por fim, estudamos e estamos estudando África negra, história e civilizações de Elikia M' Bokolo entre outros. Portanto isso é um grande privilégio para mim.

RESUMO

Este projeto de pesquisa objetiva-se analisar a violência e gênero através de um estudo voltado a esta região sobre violência física e psicológica contra a mulher entre anos (2018-2022). A partir desse objetivo geral formulamos estes objetivos específicos: Entender os motivos das poucas denúncias da violência contra a mulher, apesar da violência contra mulher ser considerada crime público no país. Compreender o papel do Estado e das organizações não governamentais, (ONGs) e os movimentos das mulheres no que diz respeito ao combate da violência física e psicológica contra a mulher. Compreender como as desigualdades estruturais contribuem na manutenção da violência. Percebe-se que os modelos de ser masculino são muitas vezes o referente de ser pessoa e as qualidades, papéis e funções conotadas com masculino tem o valor superior às dos modelos femininos. As características das violências contra as mulheres na Guiné-Bissau suscitam grandes interesses nas organizações nacionais e internacionais que lidam com o desenvolvimento humano e a promoção da paz, particularmente da violência e da igualdade do gênero no país. Percebe-se que, o sistema patriarcal considera o homem como provedor do lar e ganhador de pão, sendo que, desde faixa etária ele é educado para ser o líder e chefe da família. Ele detém o poder de decidir sobre os compromissos que as suas irmãs, esposa, família em geral podem assumir ou não, sob ameaças de destruir o casamento, que é o algo muito importante para a mulher guineense. Com esse poder de decisão muitos condicionam as suas esposas, filhas, sobrinhas, a serem submissas como forma de conservar a supremacia no lar. Percebe-se que combater a violência contra as mulheres significa combater a violência na sociedade como um todo, significa desarmar os mecanismos estruturais e culturais que legitimam a violência nas suas mais diversas formas. Tendo em conta a sua complexidade e multiplicidade de abordagem é do ponto de vista acadêmico, um fenômeno pouco investigado na Guiné Bissau, o que se justifica por vários fatores entre quais: religioso, fator cultural e tradicional, ou seja, se trata de um problema conotado com a esfera da vida privada ou íntima.ou seja isso tornou um tabu que poucas pessoas falam sobre esse assunto

Palavras-chave: Violência Contra a Mulher, Região de Bafatá, Guiné-Bissau

RESUMU

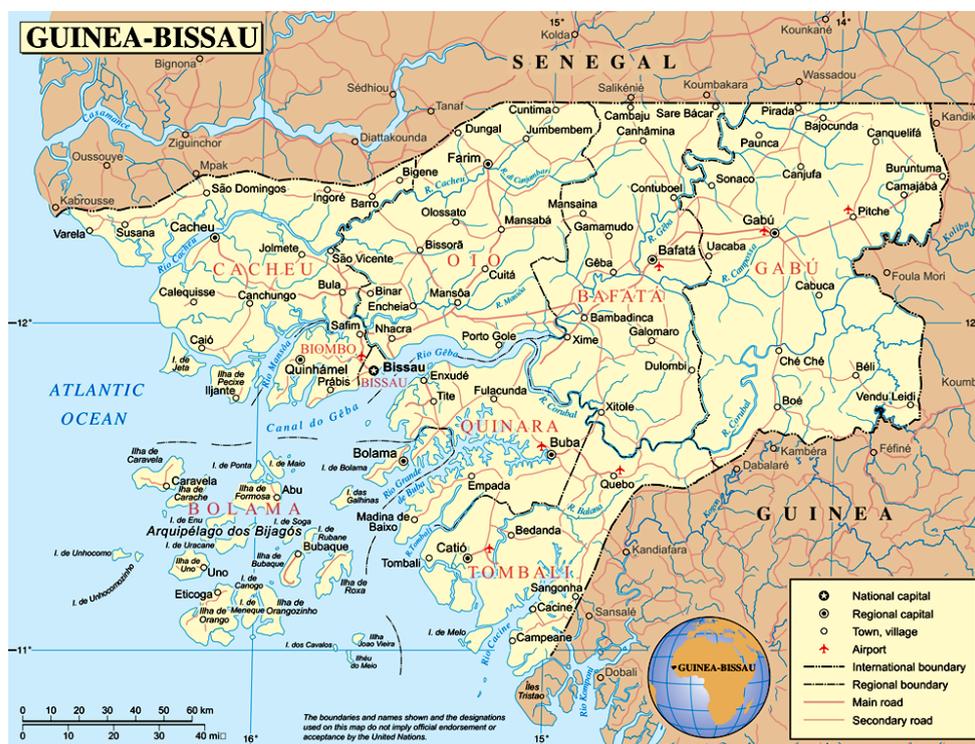
Es purjetu tene suma objetivus de analisa manera ki homis ta suta mindjeres ku manera ki mindjer sempre tratadu na região de Bafatá, no objetibu central e pano kunsu pensa manera ki sociedade de Bafatá ku Guiné Bissau em pés tá maltrata mindjeres, papes ta pui mindjeres sufri desde pikininu, ita violadu sé diritu di bai escola, utrus ta dadu homi sim misti ki homi. Tambem e tene objetibus pikininus: panó kunsu busca sibi pabia de ké ki pui ninsi mindjer suta ou faltadu rispitu ikata bai queixa de homi ou de ki alguim ki sutal, pabia i sibi kuma fassi abuso na mindjer i crime mas ké gora também ki no Estadu djunto ki organização ki ka fassi parti de governu sta na fassi pa djuda kaba ku es maldades. E pircidu kuma sistema tá coloca homi suma ganhatur de pon pa tissi casa, quiston de sedu home na Guiné-Bissau e privilégio garande pabia desde pikininu buta kunsu mostrdu kuma abo kina bim sedu dunu de casa, abo e líder, abo e chefe de família pabia buna bim tene bu mindjer kubu fidjus, bu tene tudu puder de decide diante dibu ermons fêmeas, kil fêmeas sempre tá sinadu pa sedu submissa pa homis até si marido. Tambem e pircidu kuma luta pa kaba ku violência kontra mindjeres só assim ki no pudi kaba ku violência na sociedade em geral, i percidu também de kuma religião ku cultura ku nó tradições também ta contribui na pui mangas de homis ta pega nel pa pui sé mindjeres submiti parel mesmu ki mindjer na sufri na si casamento ou pa parti de si famílias, é ta falal sufridur tá padi fidalgo. Tambem e odjadu kuma djintes kata muito fala de es assunto pabia kussas ki faladu e kussas íntimos. E passa sedu um tabú ki djintis kata fala tchiu dél na sociedade guineense

Palabra-tchabe: Violência kontra mindjer na região de Bafatá, Guiné-Bissau

SUMÁRIO

1-DADOS E IDENTIFICAÇÃO DO PROJETO.....	5
2-FORMULAÇÃO DO PROBLEMA.....	6
3-JUSTIFICATIVA.....	6
4-OBJETIVOS.....	9
5-EMBASAMENTO TEÓRICO.....	10
6-METODOLOGIA	20
7-CRONOGRAMA.....	23
8-REFERÊNCIAS:BIBLIOGRÁFICA.....	24

1. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO PROJETO



Fonte: [Guiné-Bissau: Bandeira, Mapa e Dados Gerais - Rotas de Viagem](#)

A Guiné-Bissau é um país africano que se tornou independente unilateralmente de Portugal em 1973. No entanto, Portugal somente reconheceu, oficialmente, a independência da Guiné-Bissau em 10 de setembro de 1974. A Guiné-Bissau fica localizada na Costa Ocidental da África, com uma superfície total de 36.125 km², e faz fronteira com dois países francófonos: a República do Senegal, ao Norte, e a República da Guiné-Conakry na província Leste e Sul. “A costa Oeste do país é banhada pelo imenso Oceano Atlântico e na parte insular encontram-se os arquipélagos dos Bijagós cerca de 90 ilhas das quais 17 habitadas” (NTCHALA CÁ, 2019,).

O país é composto por oito regiões: Bafatá, Biombo, Bolama, Cacheu, Gabu, Oio, Quinara e Tombali, além de sector autónomo de Bissau, capital do país, é uma nação da diversidade étnica e cada etnia tem sua própria língua. Desse modo, no país são faladas em torno de 27 línguas étnicas, “além do português como a língua oficial e o crioulo guineense, língua de unidade nacional, pois é a língua que intermedeia interação discursiva entre diferentes grupos étnico do país” (Couto, Embalo, 2010, p.256.; Ntchala Ca, 2019,). Entre as regiões que compõem o país anteriormente citadas, neste projeto nos interessa a região de Bafatá. Nesse sentido, é necessário uma breve

contextualização da região. De acordo com a União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa (UCCLA) (2008), a região de Bafatá está situada no Leste da República da Guiné-Bissau, limitada ao Norte pela República do Senegal, ao Sul pela Região de Tombali, a Oeste pela Região de Oio e Este pela Região de Gabu. A superfície da região de Bafatá é de 5.981 km², contando com 143.377 habitantes, tendo um clima tropical, quente e úmido, que corresponde a um tempo chuvoso no mês de junho a outubro e seco do mês de novembro a maio.

Os seus recursos econômicos são: a pesca, agricultura, pecuária, comércio, criação de gados e a emigração de remessas¹. Seu território é sulcado pela bacia dos rios Geba e Corubal que, dotados de água doce, favorecem grandemente a prática de agricultura, que é a principal fonte da riqueza do país. Atualmente, a região conta com seis setores administrativos: Cossé, Contuboeil, Bambadinca, Ganadu, Xitole e Bafatá, e 26 secções (PDR – Plano de Desenvolvimento Regional de Bafatá – 2007, p.12). Dentro da região de Bafatá e os seus setores/secções, existem áreas urbana e rural, todavia, o sector de Bafatá se caracteriza como urbano. Em outras palavras, setores e secções são subdivisões de uma região, distritos, e secções independentes das aldeias dessa região.

2. PROBLEMATIZAÇÃO

Neste projeto, pretende-se responder a uma pergunta principal. Como é que as mulheres e a sociedade em geral lidam com a violência contra a mulher? Por meio desse questionamento, propomos as seguintes questões secundárias: Como é que a sociedade dessa região encara a violência contra a mulher? Quais são os mecanismos adotados pelo Estado, no combate dos elementos ligados a este fenômeno? Todas estas questões merecem ser analisadas com muita atenção.

3. JUSTIFICATIVA

Como cidadão guineense nascido nessa região, preocupado com o problema de violência baseada no gênero, a partir da forma como a mulher é tratada na minha sociedade, como se ela fosse cidadão de segunda categoria, mediante as sucessivas discriminações contra a mulher. Assim, seria desumano da minha parte fingir esquecer de tudo o que eu presenciei, de todas as agressões contra as mulheres que aconteceram na minha presença. A negação da urgência desse debate, legitima a violência e descarta a sua real problemática. Dessa forma, é partindo disto que penso nesta pesquisa.

¹ “Emigração remessa” As remessas são rendimentos transferidos pelos trabalhadores que nele residem as suas famílias residentes no outro país.

Naquela época, eu não podia me questionar sobre esse assunto, não tinha conhecimento aprofundado sobre violência contra mulher, tão pouco, sobre a igualdade de gênero. Desde que cheguei no Brasil, comecei a estudar textos, dissertações, artigos e livros escritos pelos autores e autoras africanas, em particular, autoras guineenses que discutem sobre violência baseada em gênero. Nesse sentido, decidi escolher esta temática como forma de denunciar e trazer experiências a partir da minha realidade, entretanto, decidi trazer essas reflexões ao debate, para poder questionar melhor e mostrar também o meu sincero respeito e solidariedade que tenho para com as mulheres, sendo assuntos de muita escassez na academia, uma vez que, poucas pessoas levantam esse debate, porque, em muitos casos, são considerados assuntos íntimos.

Quando eu decidi falar desta temática, alguns colegas meus perguntaram-me se eu não poderia falar dos outros assuntos e deixar de falar das mulheres. Alguns chegaram a perguntar se eu sou a "maricas"² – eu disse não, mas, por quê? Eles responderam só uma pessoa transexual que poderia estar escrevendo e defendendo sobre as mulheres. O outro me disse: "lembre que essas coisas são muito íntimas na nossa sociedade, o homem defendendo essas coisas não faz parte da cultura guineense"- eu perguntei: "porquê você está dizendo isso para mim?" Ele disse: "porque são problemas familiares e cada família sabe como resolver os seus problemas."

Partindo disso, percebe-se que, todas essas violências contra as mulheres são violências estruturais e culturais. Foi muito doloroso presenciar onde os direitos humanos estão sendo violados. Sem saber o que falar naquela época, pois eu era muito pequeno, essas lembranças ficaram na minha mente até então. A violência ela machuca apesar de não sentir essa violência na pele, uma vez que, sou homem.

Conforme Le Goof (2003) e Mendes (2019) a memória é um conjunto de funções psíquicas pelas quais todos podem atualizar impressões e informações passadas. Entretanto, as lembranças das violências ficaram na minha memória, presenciei várias violências com base do gênero, uma delas foi uma briga de casal em que o marido espancou e bateu muito na sua esposa causando lesão física nessa mulher, com tudo, não houve nenhuma denúncia para ao público. Eu só ouvia algumas palavras do consolo ou do conformismo, "*Sufridor tá padi fidalgo, Mindjer tem ki tene corson de padida*"³. Todas essas palavras foram ditas pelas próprias mulheres vizinhas, amigas e familiares

² Termo pejorativo para designar pessoas gays.

³ São palavras do consolo, uma mulher "discente" tem como qualidades de obediência, de sofrimento, de segredos e a submissão ao marido.

da mulher vitimada, motivando ela que uma mulher “decente” tem como qualidades a obediência, a submissão, a fidelidade, a reserva, o segredo e o sofrimento.

Percebe-se que essas mulheres da região de Bafatá acabam por naturalizar a violência e torna-se cúmplice dos seus agressores, julgando que é muito normal que o marido bata na sua mulher por diferentes motivos. Percebe-se que os modelos de ser masculino são muitas vezes o referente ao de ser pessoa. Os papéis e funções conotadas como masculinos, tem o valor superior às dos modelos femininos. As características das violências contra as mulheres na Guiné-Bissau suscitam grande interesse nas organizações nacionais e internacionais que lidam com o desenvolvimento humano e a promoção da paz, particularmente da violência e da igualdade do gênero no país. Apesar disso, a análise desse fenômeno é escassa. Isto porque existe pouca análise dirigida à questão da violência com base no gênero. No entanto, compreendo que essa questão é central para compreensão das transformações econômicas e sociais do país, bem como para compreensão das violências em geral. Acredito que, as transformações e dinâmicas das violências contra as mulheres são um espelho das transformações econômicas, políticas e de segurança que o país tem atravessado. Além disso, compreendo que as violências geram em círculos ou espirais: existem violências que podem desencadear outras. Por isso percebo que combater a violência contra as mulheres significa combater a violência na sociedade, como um todo, significa desarmar os mecanismos estruturais e culturais que legitimam a violência nas suas mais diversas formas.

Não obstante a justificativa pessoal, é o que torna este trabalho mais interessante e necessário de se produzir, sobretudo, a forma como o trabalho pode servir a sociedade guineense para entender as razões que sustentam a continuidade desta prática e as suas consequências contemporâneas nas comunidades mais vulneráveis onde acontecem as sucessivas violências contra a mulher.

Diante disso, espera-se que este trabalho contribua para promover a igualdade das oportunidades. e combater as desigualdades estruturais no sentido de desencorajar as “calamidades” culturais, no caso das violências e as sucessivas agressões contra as mulheres na Guiné Bissau em particular na região de Bafatá, através das políticas públicas do Estado, no sentido de criar leis voltadas a este fenômeno, e através dos programas do governo como a forma de sensibilizar as populações em diferentes regiões, mostrando-lhes que, a mulher não é um ser fraco e nunca foi e nunca será. É necessário que o Estado junto do governo crie as leis especificamente para assédio sexual, casamento forçado, casamento precoce e a violência moral contra a mulher, no

sentido de desencorajar esse fenômeno e para que as mulheres possam gozar dos seus direitos cívicos e dos seus deveres, para terem ousadia de denunciar quaisquer que seja o ato de violência começando na família, na impunidade religiosa, falta de acesso á educação formal, violência institucional e da esfera pública.

Para a academia, o trabalho pode constituir em mais uma contribuição, um avanço dos debates sobre essa questão da violência baseada em gênero. O trabalho pode servir como material de consulta para os futuros interessados, não só no tema, mas em compreender como é que a maioria da sociedade guineense em particular da região de Bafatá encara a violência contra a mulher.

4. OBJETIVOS

4.1-Objetivo geral

Analisar violência de gênero, um estudo voltado à região de Bafatá sobre a violência física e psicológica contra a mulher (2018-2022).

4.2- Objetivos específicos

- 1). Entender os motivos das poucas denúncias da violência contra a mulher;
- 2). Verificar o papel do Estado e das organizações não governamentais;
- 3). Compreender como as desigualdades estruturais contribuem na manutenção da violência.

5. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Segundo a Rede nacional de luta contra a violência baseada em gênero na Guiné Bissau, (RENLUV-GC-GB) (2018), existem registrado de 46 casos da violência contra a mulher nesta região em 2018, entre os casos, foram registradas situações de violência física, psicológica, violência sexual, e casamentos forçados entre outras⁴. Segundo alguns relatórios produzidos por essas organizações não governamentais (ONGs), apontam que as mulheres guineenses são violentadas desde a infância. As formas de violências que atingem as mulheres são: negação de acesso à educação formal, violência na família no caso de casamento forçado, imposição religiosa, e a violência na esfera pública, e institucional (policial) e nas desigualdades estruturais e culturais. Alguns pesquisadores e pesquisadoras guineenses também reafirmam sobre essas violências contra as mulheres, a falta de oportunidades, e violação dos direitos humanos que as mulheres guineenses em geral sofrem em diferentes pontos supracitados.

5.1. Negação do Acesso à Educação Formal

As desigualdades de gênero muitas vezes impedem meninas de ocupar certos lugares, principalmente o espaço escolar. A região Bafatá é umas das regiões que têm a percentagem mais baixa da participação das meninas na escola. Segundo dados do Recenseamento Geral da População e Habitação (2009, p.25), a região de Bafatá os números de alfabetizados femininos são 40,8% e de masculinos são 59,2%, enquanto que os Analfabetos femininos são 60,1% e os masculinos são 39,9%. Desse modo, é possível visualizar que, a taxa do alfabetismo da camada masculina é superior à da feminina. Os números de analfabetismo se constam nessas três religiões: Islamismo (45%), “Animismo” ou seja, religiões africanas (30%) e cristãos (20%), a maior população da região de Bafatá são da religião islâmica (MENCJD, 2013, p. 30). De acordo com dados supracitados, possibilita mostrar a violência psicológica e moral contra as mulheres desde a faixa etária. Nós partimos da ideia de que, a educação formal é um dos direitos que os cidadãos têm perante o Estado, independentemente de cada gênero, posição social ou classe social de cada um, ela constitui atualmente, talvez, a principal mecanismo para a construção de uma sociedade capaz de enfrentar os desafios da globalização, principalmente do desenvolvimento democrático inclusivo e

⁴Disponível em:

https://www.fecong.org/2021/11/25/67-das-guineenses-ja-foram-vitimas-de-algum-tipo-de-violencia/?doinq_wp_cron=1680779019.3320488929748535156250 ≥ acesso em 17 de abril de 2023.

sustentável. Neste sentido, o processo educativo deve ser abrangente como forma de beneficiar toda a sociedade, isso pode contribuir para a redução da desigualdade social.

Lourenço Ocuni Cá (2008, p.10), advoga que no processo de ensino e aprendizagem [...] “isto é de modo a garantir a eficácia e a efetividade do processo de ensino-aprendizagem” (Ocuni Cá, 2008, p. 10). Ora, no sentido de incluir jovens e adultos para desenvolverem sua competência leitora. Isso significa dar a oportunidade a cada um desses indivíduos instrumentos para construir a sua história, a vida da sua nação, o posicionamento de assumir uma identidade e também a possibilidade para entender essa história/raízes e poder de rever-se nela como um pedaço coletivo da nação que pertence ao mundo, uma vez que, a educação é um processo de construção de caráter para que os indivíduos assumam certas posições na sociedade.

5.2. A Influência da Imposição Religiosa

A influência da religião no sistema de ensino é um dos problemas que podem levar à fraca participação das meninas na escola. Como citei acima, na região de Bafatá o maior número do analfabetismo se encontra na religião islâmica. Partindo da minha vivência, posso afirmar que desde cedo a mulher islâmica é educada para acreditar que precisa de um marido para tomar conta dela e de um lar. Os pais veem o casamento como uma saída para um futuro ou uma oportunidade para um caminhar melhor. Assim, a escola nesse seio é vista como uma barreira que leva, às vezes, os seus pais a não deixarem as suas filhas ir à escola; ou então as deixam estudar até certa idade e depois tiram-as para o casamento.

Por outro lado, podemos entender que essa situação não é de hoje, mas sim de muito tempo, considerando que nos primeiros momentos da vida, elas são colocadas uma barreira no percurso da sua formação acadêmica. Crescendo analfabetas, numa cidade onde o meio da sobrevivência da população é o circuito do mercado (formal e informal), elas vivem para ajudar nas atividades cotidianas em busca da sobrevivência econômica. Essas meninas fazem o trabalho doméstico, são vendedoras ambulantes, o que, às vezes, as impede de estar na escola. Elas têm de gerar o rendimento financeiro a fim de ajudar no sustento da sua própria família.

A razão pode ser o desemprego dos pais e o obstáculo financeiro que o próprio país se encontra, sendo que isso ao mesmo tempo afeta os ambientes familiares. Por outro lado, tem uma ausência total do Estado em alguns setores, seções e tabancas da região de Bafatá, essa ausência resultou a falta de descentralização das escolas em diferentes sectores e seções dessa região, também é uma das barreiras que impede a

presença das meninas nas escolas, uma vez que, o Estado coloca as escolas do ensino, liceu e ensino médio só nos sectores, e na capital de Bafatá. Para ter acesso a essas escolas, você tem que sair da sua secção ou da sua aldeia para ir morar no sector, nesse caso, sair da zona rural para a zona urbana. Os pais encarregados da educação não confiam em deixar suas filhas irem morar nos setores urbanos.

5.3. Na Família no Caso do Casamento Forçado

O casamento arranjado é uma prática comum que não é encarada necessariamente como violência. A maioria das meninas dessa região foram e estão sendo casadas mesmo não tendo escolhido o seu próprio marido, assumindo os pais ou outros familiares esta escolha. No entanto, apesar de comum, cada vez mais surgem casos de recusa das meninas e “raparigas”⁵ em relação a esta prática, sendo assim, considerado o casamento como forçado.

Conforme Mendes (2019), O homem é considerado marido, provedor do lar e, é educado para ser líder e chefe da família. Ele detém o poder de decidir sobre os compromissos que a esposa pode assumir ou não sob ameaças de destruir o casamento, que é algo muito importante para a mulher guineense. Com esse poder de decisão muitos condicionam as suas esposas, filhas, sobrinhas, a serem submissas, como forma de conservar a supremacia no lar e no seio da família.

Nesse sentido, para a maioria dos homens, e alguns grupos das mulheres que se tornaram cúmplices aos seus agressores, julgam que é legítimo espancar, bater na mulher, em caso de cometer qualquer erro, como forma de permitir que se comportem ainda melhor. Nesse sentido, é útil lembrar a noção de violência simbólica (Bourdieu, 2002, p. 44), a qual significa que os dominados aplicam categorias construídas e julgam a ordem social do ponto de vista dos dominantes às relações de dominação, fazendo-as parecer naturais. Isto não significa que a violência não seja real ou efetiva ou que seja meramente espiritual, sem efeitos reais.

Percebe-se que, a violência contra a mulher conta com poucas denúncias por motivos culturais, tradicionais e religiosos, em decorrência da forma como a mulher é educada a ser submissa ao marido desde criança. Ela é educada e ensinada como cuidar da casa e como ser a mãe, sendo assim, tudo isso originou as poucas denúncias sobre esse fenômeno, e dificultou também a presença das autoridades policiais como forma de estagnar a prática e impunidade, ou seja, esta prática tem motivado sua continuidade em todas as regiões em particular a região de Bafatá, levando a um caso em que o marido

⁵ “Raparigas” significa mulher entre a infância e adolescência, mulher jovem.

queimou a sua esposa com “gasolina” que passou alguns dias e ela morreu no hospital. O marido alegou que ela atrasou com a comida.

Nesse sentido, entende-se o que, (Herculano Mendes, 2019) A falta de equilíbrio na sociedade entre o homem e a mulher é uma construção social, refere-se ao conjunto de papéis socialmente construídos e aos traços de personalidade, atitudes, comportamentos, valores, poder relativo a influência que a sociedade atribui aos dois sexos. Essa construção sociocultural está relacionada, antes de tudo, aos papéis entre homens e mulheres definidos pelo sexo, que determina o papel que cada sexo deve desempenhar na esfera pública tanto como na privada, na sociedade e até no lar.

Assim, a violência contra a mulher resulta de um conjunto de fatores estruturais, sociais e culturais permeados pela relação de gênero desiguais. A religião, a cultura e a tradição acabam por contribuir para a naturalização do fenômeno. As análises deste trabalho decorrem através dos resultados obtidos nos relatórios das organizações não governamentais que denunciam a permanência das violências baseadas em gênero. Conforme o relatório da situação da mulher na Guiné Bissau, um relatório produzido no âmbito do projeto “No na cuida de no vida, mindjer-Emancipação e direitos para Meninas e Mulheres na Guiné-Bissau em (2018)” com intuito de caracterizar e diagnosticar a situação no que se refere á violência contra a mulher, segundo esse relatório, em cada três mulheres guineenses já foi vítima de mais de um tipo de violência por parte de homens, e 80% da violência física, psicológica, sexual, e econômica contra a mulher, tem origem, sobretudo, na família, quer na original, quer na de acolhimento, “casamento”. Os principais agressores são maridos, namorados, ou companheiros ou ainda os pais e a família alargada e a família do marido conforme a faixa etária.

A problematização da violência contra mulheres tem sido abordada pela literatura especializada a partir de diferentes níveis, seja no campo jurídico, na saúde, na família, na vida da mulher, na economia e na sociedade em geral. Tendo em conta a sua complexidade e multiplicidade de abordagem é do ponto de vista acadêmico, um fenômeno pouco investigado na Guiné Bissau, o que se justifica por vários fatores entre quais:, fator religiosa, fator cultural e tradicional, ou seja, entre quais o fato de se tratar de um problema conotado com a esfera da vida privada ou íntima.

Apesar de reconhecer variadas formas de violências contra as mulheres existentes na sociedade guineense, o tema deste trabalho centra-se na violência física e psicológica contra as mulheres no país, em particular na região de Bafatá.

Conforme o relatório que traça um retrato entre várias possíveis violências exercidas contra as mulheres na Guiné-Bissau “Um retrato da violência contra mulher na Guiné-Bissau” (2011, p.13.) mostra que a organização mundial de saúde (OMS) divide a violência interpessoal em duas categorias: violência familiar e nas relações de intimidade, e a violência comunitária.

A violência interpessoal é uma das formas da violência direta - aquela que é visível e na qual se pode identificar o ato violento, o agressor ou a agressora (individual ou coletivo) e o agredido ou agredida (individual ou coletivo) – e pode ter várias formas: física, psicológica, sexual, verbal, etc. A Organização Mundial de Saúde (OMS) divide a violência interpessoal em duas categorias: violência familiar e nas relações de intimidade e violência comunitária (praticada por conhecidos ou desconhecidos fora do âmbito familiar ou íntimo). Para além da violência interpessoal, a violência direta pode também assumir a forma de violência coletiva - aquela que é levada a cabo por grupos mais alargados, inclusive o Estado, e a sua forma mais extrema é a guerra, sob a forma de violência política, institucional ou econômica. No entanto, a fronteira entre as duas é bastante ténue. A própria distinção entre violência familiar e comunitária adquire contornos extremamente fluidos neste contexto específico em que a família é encarada de forma bastante alargada. Fenómenos como a mutilação genital feminina, por exemplo, não podem ser vistos apenas no âmbito restrito da família mas também como expressão de normas e práticas comunitária (OMS, 2011. p. 14)

Sabemos que este tipo de casos é raramente denunciado, não só devido à naturalização da violência contra as mulheres, mas também devido à baixa confiança das populações em relação à polícia e ao sistema judicial. A confiança ou desconfiança na polícia e o recurso a outras instituições de resolução de conflitos e de punição é mais elevado o recurso à polícia em zonas mais urbanizadas, como no caso de Bafatá. Os polícias desses sectores de Bafatá, ou policiais das zonas urbanas, não estabelecem os laços de relacionamento entre as vítimas e os/as agressores/as, nem o local onde decorreu a agressão. Percebe-se que os policiais se tornam cúmplices e acabam por defender o agressor.

De acordo, com a autora Oyěwùmí (2004, p.4-6), o conceito de gênero não tinha existido no continente africano antes, a chegada dos colonizadores deixaram essa herança da hierarquização do gênero, onde o homem ocupa o lugar de destaque, de poder e supremacia, sobrepondo-se a mulher, na condição de submissa. Ela nos traz a reflexão sobre famílias generificadas e não-generificadas, onde família generificada (nuclear), centrada em uma mulher subordinada, um marido patriarcal, filhos e filhas, o homem chefe é concebido como ganhador do pão, e a mulher está associado ao doméstico e ao cuidado. E na família não-generificada os papéis de parentesco e categorias não são diferenciados por gênero. Os centros de poder dentro da família são difusos e não são especificados pelo gênero. Para a autora, a categoria gênero antes de

tudo é uma construção sociocultural. Essa construção sociocultural que a autora fala está relacionada, antes de tudo, aos papéis entre homens e mulheres definidos pelo sexo, que determina o papel que cada sexo deve desempenhar tanto na esfera pública e como na privada; percebe-se que a sociedade guineense machista e patriarcal vem duma realidade colonial machista, onde as mulheres tinham que enfrentar dupla desigualdade de gênero, de um lado, com os “nativos” e, de outro lado, com os colonizadores.

5.4. Na Esfera Pública e Institucional

O entendimento que tenho sobre o Estado em relação à defesa e proteção das vítimas de violência, de facto, a sensação de impunidade pode favorecer os agressores e prejudicar as vítimas, assim como dificultar as denúncias, a impunidade não tem origem apenas no não funcionamento do Estado, mas também na naturalização da violência e na incapacidade de outros mecanismos não estatais protegerem as mulheres.

Apesar da relevância que assumem outras instituições e mecanismos não estatais na punição e denúncia da violência, a polícia parece, ainda assim, assumir a maior importância, mesmo que seja olhada com alguma desconfiança em relação às autoridades policiais e judiciárias. Portanto, a utilização de outras instituições pode ser muito mais elevada, na realidade, em zonas rurais. A fraca denúncia não parece estar relacionada com a falta de conhecimento das instituições a quem recorrer caso seja vítima de violência, percebe-se que estas instituições não funcionam de forma satisfatória, muitas das vezes favorecem os agressores.

Na esfera pública também é notório que essa violência é muito presente. A maior parte das mulheres ocupam poucos lugares na esfera pública, demonstrando um desequilíbrio entre o homem e a mulher, na tomada de decisão na Guiné-Bissau, como podemos destacar, por exemplo, nos ministérios e nas secretarias dos governos, como podemos constatar na citação abaixo:

1989 a 2018 as Pastas Ocupadas por Mulheres nos ministérios são: Presidência de Conselho de Ministros 1, Administração pública 1, Negócios Estrangeiros 5, Economia e Finanças 2, Defesa Nacional 3, Justiça (Direitos Humanos) 5, Obras Públicas (Habitação e Urbanismo) 0, Função Pública (Reforma Administrativa e Trabalho; Segurança Social) 1, Educação (Ensino Superior, Juventude, Cultura e Desporto) 5, Agricultura 1, Mulher (Família e Coesão Social) 5, Saúde Pública (Família e Coesão Social) 8, Comércio (e Promoção Empresarial) 0, Administração Territorial 3, comunicação social 1. E nas secretarias são: Juventude 4, Ambiente (e Desenvolvimento Sustentável) 0, Turismo (e Artesanato) 1, Transportes e Comunicações 0, Pescas (e Economia Marítima) 2, Tesouro 1, Orçamento e Assuntos Fiscais 5, Plano e Integração Regional 2, Ordem Pública 0, Ordenamento e Administração de Território 0, Combatentes da Liberdade da Pátria 3, Administração Local 1, Reforma Administrativa 0, Cooperação Internacional

(e das Comunidades) 3, Comunidades 0, Florestas e Pecuária 1, Ensino Básico e Secundário 1, Energia 0. (LIBERATO, 2021, p. 87).

Isso demonstra claramente que a camada feminina foi e está sendo prejudicada há longo dos anos, através das sucessivas tarefas de subalternização, as mulheres nunca irão alcançar a equidade de gênero, se a sociedade não mudar sua estrutura e pensar a mulher além dos trabalhos ligados ao ambiente doméstico. É de extrema importância a presença das mulheres na esfera pública, porque, a mulher deve também estar ali para contribuir no processo da mudança social. A nosso ver, a presença da mulher na esfera pública pode demonstrar rompimento da demarcação dos lugares da mulher e do homem dentro da sociedade, ajudando a derrubar os poderes hegemônicos e a violência contra a mulher, que inicia desde o ambiente doméstico e perpétua nos lugares de poder nos quais as divisões de tarefas que costumam ser especificadas consoante o gênero. E a presença feminina na Assembleia Nacional Popular como pode constatar nesta citação de Mendes (2019):

Vale a pena sublinhar que mesmo com a aprovação no parlamento guineense (por unanimidade, 81 deputados presentes) em vésperas das eleições legislativas de março de 2019 na Assembleia Nacional Popular (ANP) a Lei da paridade que visa aumentar a representação mínima de 36% entre homens e mulheres na lista de cargos eletivos, não fez a diferença nenhuma, ou seja, mantém-se os mesmos resultados eleitorais em termos de representação das mulheres no parlamento guineense, num total de 102 deputados, apenas catorze são as mulheres entre 2014 e 2019, representando 13,7% (MENDES, 2019, p.24).

Além do não cumprimento das leis por parte dos comitês dos partidos políticos, existe outro fenômeno que prejudica as mulheres, que é a questão cultural na Guiné-Bissau, com uma sociedade multiétnica baseada em religiosidades, algumas das quais vindas de um passado colonial, em que os comportamentos hegemônicos-masculinos perpetuam na esfera pública; isso exige de nós pesquisadores e pesquisadoras uma reflexão heterogênea para compreender os comportamentos sociais que colocam ainda as mulheres na posição de subalternidade, em que todos esses fenômenos continuam mantendo e sustentando essa configuração social, cultural e estrutural que subalternizar as mulheres na sociedade guineense. Esse problema é ainda muito presente no país, e continua sendo verificado na atual assembleia nacional popular que só tem onze (11) mulheres num total de 102 deputados, em que o atual governo também conta com 32 pastas, entre elas só tem nove (9) mulheres que ocuparam lugares dos ministros e secretarias do Estado.

Nenhum governo cumpriu com a lei de paridade que exige no mínimo de 36% de participação das mulheres nos lugares chaves e tomadas de decisões. O nosso

interesse é tentar mostrar as violências que as mulheres sofrem na esfera pública, vivendo também a violência é institucional e as violências das autoridades policiais, sobretudo, na região de Bafatá. As mulheres dessa região preferem não denunciar nenhum ato da violência por não terem a confiança em autoridades policiais, no caso de qualquer denúncia da violência doméstica, os policiais não façam a justiça corretamente e acabam apoiando o agressor. Amílcar Cabral, pai da nacionalidade guineense e cabo-verdiana, reconheceu o trabalho das mulheres na luta pela independência e a sua importância para a transformação da sociedade guineense.

Nesse sentido ele sempre mostrava aos seus companheiros a importância da participação das mulheres: “a nossa revolução nunca será vitoriosa se não conseguirmos a plena participação das mulheres” (Cabral apud Gomes, 2016, p. 79). Contudo, tempos depois da conquista da independência, os homens dominaram os lugares de destaque, as mulheres foram deixadas no ambiente privado (lar), sendo pouco numerosas nas escolas e nas universidades, bem como nas direções dos partidos políticos e nos ministérios do país, não obstante elas sempre terem contribuído para o desenvolvimento do país.

5.5. Desigualdades Estruturais

Como indica Simone Beauvoir (1970), o fenômeno da violência contra as mulheres apresenta uma dimensão que transcende o campo puramente da violência social e se mostra passível de uma análise importante para se compreender os quadros teóricos referentes ao gênero enquanto categoria social analítica que confere significados relevantes para a compreensão das desigualdades estruturais. Como indica Beauvoir (1970), as diferenças entre homens e mulheres são apenas anatômicas e fisiológicas, não bastam para definir uma hierarquia dos sexos. O masculino e o feminino são construções oriundas de aspectos históricos, socioculturais e devem ser interpretados à luz do contexto no qual se inserem. Para a autora, não nascemos homens ou mulheres, as nossas identidades de gênero são construídas a partir de um processo de socialização e aprendizagem, onde aprendemos a ser homens e mulheres.

Aprendemos a aceitar como naturais os papéis sociais destinados aos homens e as mulheres, assim como subordinados às relações de poder entre os sexos. Sendo assim, o conceito de sexo esta associada nas características biológicas, de anatomia sexual ou reprodutiva, enquanto o gênero é uma categoria analítica resultante da construção social que confere ao masculino, e ao feminino atributos aos comportamentos e papéis sócias e culturais interiorizados como naturais, podendo a sua expressão variar em função da sociedade, cultura e historia de cada povo. A violência

física é a face mais visível do problema, precedida pela violência verbal e moral, sendo excluídos temas tão complexos, associados a outras tipologias de violência como a psicológica e patrimonial e tantas outras manifestações de restrição dos direitos tais: como a violação sexual no matrimônio referenciada de uma forma muito tímida.

No campo epistemológico destacam-se três correntes que visam dar respostas a relações que se estabelecem entre vítima e agressor. Segundo Santos & Izumino (2005, p. 148, apud Silva, 2019 p. 6), a primeira (corrente) de dominação, é a dominação masculina, definindo a violência contra as mulheres como expressão de dominação da mulher pelo homem, resultando da anulação da autonomia da mulher.

Neste âmbito, Pierre Bourdieu (2002) defende a importância de se compreender as relações de gênero a partir da teoria da dominação masculina. Para o autor a dominação masculina seria uma forma particular de violência simbólica, invisível às próprias vítimas e essencialmente exercida pelas vias simbólicas da comunicação e do conhecimento. O autor ainda destaca que durante a socialização, homens e mulheres incorporaram como esquemas inconscientes de percepção e apreciação as estruturas históricas de ordem masculina, arriscando-se, portanto, ao procurarem compreender o fenômeno, a utilizarem modos de pensamento que também são produtos da dominação. A segunda corrente Beauvoir (1970), chama de a “dominação patriarcal” é “influenciada pela teoria feminista marxista, compreendendo a violência como expressão do patriarcado, em que a mulher é vista como sujeito social autônomo, mas historicamente vitimada pelo controle social masculino”

Para Alves; Pintanguy (1995, p. 32), e Silva (2019, p. 7), o feminismo busca repensar e recriar a identidade de sexo sob uma ótica em que o indivíduo, seja ele homem ou mulher, não tenha que se adapta a modelos hierarquizados, e onde as qualidades “femininas” ou “masculinas” sejam atributos do ser humano em globalidade. Desta forma, o feminismo visa essencialmente a superação das assimetrias de gênero e o conhecimento da mulher enquanto sujeito histórico.

A terceira corrente, nomeada, “Relacional” aborda as noções da dominação masculina e vitimização feminina a partir de uma perspectiva relativista e traz para a discussão uma visão que remete a cumplicidade da própria mulher em relação à violência que se exerce sobre ela. Para esta abordagem, a mulher perde a sua qualidade essencial de vítima e passa a ser cúmplice do seu agressor. O gênero baseia-se na diferenciação entre masculino e feminino, construída socialmente por poder e a uma determinada identidade entre a mulher e o homem.

O gênero é uma construção social que define socialmente os homens e as mulheres, ou seja, o seu comportamento e a sua determinada função na sociedade. A equidade de gênero subentende não somente igualdade de oportunidades segundo o gênero, mas, sobretudo, o reconhecimento das singularidades, e valorização da contribuição social e cultural dos homens e as mulheres (RELATÓRIO FALA DE MINDJER, 2018, p.34).

Para Dias (2021), as mulheres como homens tanto podem dar o valor na esfera social.

O gênero consiste no modo como determinado indivíduo se situa e se identifica na sociedade, com base no papel social, coletivamente reservada a ela e no sentimento individual e subjetivo de identidade pessoal. O conceito de identidade de gênero não está exclusivamente relacionado com os fatores biológicos, mas também com a identificação do indivíduo com determinado gênero (masculino, feminino ou ambos) e o papel concedido pela coletividade cultural (DIAS, 2021, p.37).

A violência física e psicológica contra a mulher também tem cunho nas culturas, porém, a cultura não é estática, ao contrário, é dinâmica e apresenta de uma época para outra, muda em função de diversos fatores que concorrem para o seu significado. A cultura comporta um paradoxo importante para a compreensão da história relacional nas diversas sociedades, sendo “necessária de certa maneira, para pensar a unidade da humanidade na diversidade além dos termos biológicos” (DIAS, 2021, p.37).

Para Bourdieu (2002, p.8) a cultura é igualmente um instrumento de poder que confere a uns a supremacia sobre outros, sendo então um instrumento legitimador da dominação masculina. Para o autor, “cultura dominante contribui para integração real da classe dominante, assegurando uma comunicação imediata entre todos os membros e distinguindo-os das outras classes” (Bourdieu, 2002, p. 8). Cultura é um conceito amplo que representa o conjunto de tradições, crenças e costumes de determinado grupo social.

De acordo com Laraia (2001), a concepção universalista da cultura foi sintetizada por Edward Burnett Tylor (1832-1917) que, é considerado o fundador da antropologia britânica. Ele escreveu a primeira definição etnológica da cultura em 1817, para marcar o caráter de aprendizado cultural em oposição à ideia de transmissão biológica.

“Tomando em seu amplo sentido etnográfico (cultura) é este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade” (Laraia, 2001, apud, Gomes, 2019, p. 9). Convém salientar que, as culturas são grupos com valores, símbolos, ideias, sujeitos, os costumes, as crenças e as manifestações da cultura popular

que remontam ao mito formador de cada grupo que valorizam a herança cultural, que tem a sua organização social em comunidade.

A comunidade vive de acordo com a sua realidade, dos ensinamentos que são ensinados de geração para geração, a educação faz a base de todos como na arte, medicina, geografia, as crenças e os costumes aprendidos pelos os mais velhos.

6. METODOLOGIA

Nessa pesquisa, para dar conta do nosso objetivo, em primeiro lugar será feita uma pesquisa bibliográfica procurando os trabalhos dos autores e das autoras que já pesquisaram a questão do gênero na Guiné Bissau, com recorte na violência física e psicológica contra a mulher em todas as vertentes. A pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos como livros, artigos, teses, revistas e outras publicações. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. A pesquisa bibliográfica é “desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (Gil, 2008, p.50). Dessa forma, buscaremos mostrar e elucidar a forma que a sociedade guineense naturaliza a violência contra mulher, e de maneira que as mulheres da região de Bafatá acabam por tornando cúmplice dos seus agressores.

Em segundo lugar, será alistada algumas pesquisas que tem semelhança com esta, com a finalidade de compreender qual método que cada pesquisador ou pesquisadora usou no seu trabalho, sendo muito importante no sentido de nos ajudar a formular um método para nossa pesquisa, servindo como base para sustentarmos a nossa pesquisa mostrando detalhadamente cada passo usado pelo pesquisador ou pesquisadora.

Na tese de Doutorado de Moreira (2018), denominado a cultura de Matchundade na Guiné Bissau: Gênero, violência e instabilidade política, ela usou o método qualitativo particularmente, as entrevistas, história de vida e, afirma que o crescente interesse no uso das várias formas do método histórico como a história oral, as autobiografias e estudos biográficos, permitiram às mulheres de diferentes classes a trazerem as suas próprias vozes para a análises das suas próprias experiências que ajudaram a definir entendimentos convencionais de vários eventos e processos históricos em África.

Suely Kofes (1994), afirma que uma abordagem qualitativa foi indispensável para o seu trabalho. Strauss e Corbin (1990) definem a pesquisa qualitativa como sendo aquela em que os resultados obtidos não são provenientes dos procedimentos

estatísticos ou outros meios de quantificação, utilização do caderno de campo para anotações. “No que diz respeito aos métodos, os estudiosos do gênero e os seus homólogos africanos continuam a preferir essas abordagens” (Moreira, 2018, p.44). Conforme Peti Mama Gomes (2019), na sua dissertação denominada “Mulheres em associação na Guiné-Bissau: Gênero e poder em Babock e Bontche”, que foi realizada pesquisa de campo, feita em Canchungo, região de Cacheu, e no bairro de São Paulo, capital de Bissau, entre Agosto e Novembro de 2018. A autora realizou entrevistas semidiretivas, sendo adotada para análise a metodologia qualitativa. Além de participar ativamente nas atividades do coletivo e cooperativa, ela explica que se disponibilizou a trabalhar junto a elas durante a sua estadia no campo, acompanhando os seus afazeres cotidianos. Portanto, para ela, isso foi relevante para a compreensão do modo de vida das mulheres em *Mandjuandadi* e Cooperativa que, emana desse pertencimento e cotidiano e, pode ser encontrado por meio da etnografia. Citando Malinowski (1976), a pesquisa explica que o método é etnográfico:

Nos permite observar aspectos referentes à organização do grupo, aos elementos que o constituem, assim como suas atividades e rotinas diárias. A própria etnografia, segundo Malinowski, remete ao entendimento da vida do outro na tentativa, por muitas vezes, de uma observação participante, de modo que nos leve a compreender o mundo a partir de um ponto de vista daqueles e daquelas que planejam estudar (MALINOWSKI, 1976, apud GOMES, 2020, p. 21)

Cleunismar Silva (2019), em seu artigo denominado “a violência contra mulheres e os desafios da igualdade de gênero na Guiné Bissau”, na sua abordagem metodológica, baseou-se na análise qualitativa de discursos e percepções e práticas das mulheres, operadores de justiça, dirigentes e técnicos das instituições que atuam neste domínio, assim como instrumentos e materiais de sensibilização e informação sobre a temática (FERNANDES, 2008, apud SILVA, 2019, p.9).

Nesse sentido, iremos de acordo com dados obtidos pelos autores e autoras que pesquisam sobre gênero na Guiné Bissau, adotar o método de uma abordagem qualitativa. Também procuraremos analisar a realidade segundo a perspectiva dos sujeitos participantes da pesquisa, sem medir ou utilizar elementos estatísticos para análise dos dados, caso não haja possibilidades, ou meios financeiros de voltar para fazer uma pesquisa participativa, de entrevistas com líderes destas organizações na Guiné Bissau. Iremos usar a internet ao nosso favor para podermos realizar entrevistas através das redes sociais, usaremos também o formulário eletrônico do google, que partilharemos com alguns líderes destes três movimentos: “*MIKAT, Mindjer*

*ika tambor*⁶. Também iremos realizar entrevistas com a associação (RENAJ) Rede nacional das associações juvenis na Guiné Bissau, que advoga na defesa dos interesses das organizações membros da juventude e dos jovens adolescentes e jovens da Guiné em geral, como forma de combater a pobreza e promover o desenvolvimento sustentável no país. A (RENLUV-GC-GB) Rede nacional de luta contra a violência baseada no gênero e crianças na Guiné Bissau, trabalha contra a violência de gênero e promove a justiça. Iremos realizar entrevistas com algumas pessoas, homens e mulheres de idades diferentes. Em conformidade com Gerhardt; Silveira (2009, p.72), na entrevista semiestruturada, “o pesquisador organiza um conjunto de questões (roteiro) sobre o tema que está sendo estudado, mas permite, e às vezes até incentiva, que o entrevistado fale livremente sobre assuntos que vão surgindo como desdobramentos do tema principal” (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p.72).

Por meio das respostas dessas organizações, e das pessoas de diferentes idades, em diferentes sectores da região de Bafatá, procuraremos entender como é que as mulheres e a sociedade guineense em geral lidam com a violência contra a mulher, e motivos de poucas denúncias das violências contra as mulheres, e o porquê a maior parte das mulheres da região de Bafatá naturalizam esse fenômeno e acabam por tornando cúmplice dos seus agressores. A partir das questões e objetivos da nossa pesquisa após a coleta de dados, faremos transcrição literal e a interpretações das falas dos indivíduos supracitados. Realizaremos também, análises de alguns relatórios das ONGs que estão ligados a violências contra a mulher, sendo uma pesquisa que pretendemos desenvolver mais tarde.

6.1. Técnicas de Pesquisa

Nesta pesquisa, recorre-se sempre que necessário ao conceito da violência baseado em gênero, especificamente nas agressões dos homens contra as mulheres como forma de elucidar a amplitude das contradições associadas ao processo de construção social do ser homem e ser mulher, conforme Beauvoir (1970), implicam nas desigualdades de gênero e permitem dar conta do caráter instrumental das agressões contra as mulheres como um mecanismo usado para controlá-las, mantê-las obedientes e no seu papel tradicional.

⁶ “Mikat, Mindjer ika tambur” É uma organização não governamental e apartidária sem fins lucrativos, que visa conscientizar a sociedade guineense sobre os direitos humanos das mulheres, mitigar as violências com base no gênero, através de incentivos das denúncias a práticas nocivas e violentas contra mulher e meninas na Guiné Bissau.

Para realização da presente pesquisa, iremos adotar uma abordagem qualitativa de John W. Creswell (2010), demonstrando a especificidade do método, e como pode articular-se com o tipo de pesquisa que pretendemos realizar. Faremos as entrevistas com as técnicas consistentes em gerar e manter conversações com líderes desses movimentos e os líderes das organizações não Governamentais, consideradas chaves nesse processo da investigação ou nesse estudo sobre a violência contra mulher. Os recursos regularmente utilizados por pesquisadores da área de ciência sociais, é importante sublinhar que, em geral, está associada ao uso de outras técnicas de pesquisa.

Faremos análise dos relatórios das organizações não governamentais que estão ligados á violência contra a mulher, e os líderes desses movimentos, especificamente os líderes que possuem experiências e que trabalharam muitos anos nesses movimentos, acompanhando por perto sobre a violência física contra a mulher, no caso de (*MIKAT, Mindjer ika tambor*) e (RENVUL-GC-GB), Rede nacional de luta contra violência baseada: no gênero e crianças na Guiné Bissau. Em síntese, esta pesquisa será fundamentada nas seguintes autoras, que tratam da desigualdade de gênero na Guiné-Bissau, Gomes Peti mama, sua dissertação em antropologia, *Mulheres em associação na Guiné-Bissau: Gênero e poder em Babock e Bontche*”, que foi realizada pesquisa de campo, feita em Canchungo, região de Cacheu, e no bairro de São Paulo, capital de Bissau, entre Agosto e Novembro de (2018), (2019), Assunção Maria Gomes sua dissertação em estudos africanos, “Representação Política das Mulheres na Guiné Bissau” (2018), Godinho Gomes “Uma Reflexão Comparada em Guiné Bissau e Brasil, Estudos Feministas Florianópolis (2012), entre outros.

Antes disso, procurarei entender a questão de gênero no continente africano, para isso, tenho como base, as seguintes autoras nigerianas: Oyèrónké Oyěwùmí e Chimamanda Ngozi Adichie. Uma vez que são pesquisadoras que vem discutindo nos seus trabalhos os problemas relacionados às vidas das mulheres, elas como referências contribuirão de forma significativa para o êxito no meu trabalho.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ALVES, B. M; Pitanguy, J. **O que é feminismo**. São Paulo, Cultural-Brasiliense. 1984.

BAFATÁ, Guiné-Bissau, República da Guiné-Bissau. **União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa (UCCLA)**. 2008. Disponível em: <https://www.uccla.pt/> . Acesso em: 17 abr. 2023.

BEAUVOIR, S. **O Segundo sexo**. [S. Milliet, Trad.]. São Paulo: Difusão Européia do livro. [Obra original publicada em 1949].

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina** [M. H. Kuhner, trad.]. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. [Obra original publicada em 1998]

CÁ, Imelson Ntchala. **Abordagens de ensinar português língua segunda no contexto guineense de ensino médio e superior**. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada, Universidade de Brasília, Brasília. 2019.

CÁ, Lourenço Ocuni. **A constituição da política do currículo na Guiné-Bissau e o mundo globalizado**. EdUFMT, 2008.

CASSAMÁ, Lassama: **Violência contra mulher é realidade na Guiné-Bissau, mas há poucas denúncias**. Voa: Mais África Mais Mundo. 2018. Disponível em: <https://www.voaportugues.com/amp/viol%C3%Aancia-contra-mulher-%C3%A9-realidade-na-guin%C3%A9-bissau-mas-h%C3%A1-poucas-den%C3%Bancias/4681477.html> . Acesso em: 17 abr. 2023.

COUTO, Hildo, Honório; Embaló, Filomena; **Literatura, língua e cultura na Guiné-Bissau: um país de CPLP**. Revista brasileira de estudos crioulos e similares, nº20 Brasília, 2010, p.256.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa, métodos, qualitativo, quantitativo e misto**. 3. ed. Porto Algarve: Artmed,2010.

DIAS, Talismã, Nice, Ferro, Gomes. **Gênero e Educação: representação da mulher nos livros didáticos do ensino básico dos 1º e 2º ciclos na Guiné-Bissau**. Diss. 2021.

FERNANDES, C. A. **Análise do discurso: reflexões introdutórias**: São Carlos: Clara Luz. 2008.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Método de pesquisa** – Porto Alegre: Editora Da UFRGS, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa científica**. 6 ed. São Paulo, Editora Atlas S.A.- 2008.

LARAIA, Roque, Barros, De: **Cultura: um conceito antropológico**. 14. ed. Rio de Janeiro: Jorge "Zahar Ed., 2001

LIBERATO, Tânia. **Desenvolvimento Humano e Desigualdades de Género nos PALOP – Tendências do Novo Milénio**. Observatório das Desigualdades e-Working Papers, Lisboa, n.1,2021.Disponível em:

https://www.observatorio-das-desigualdades.com/observatoriodasdesigualdades/wp-content/uploads2021/04/e-WorkingPaper-N.o1_20pdf. Acesso em: 17 abr. 2023.

MENDES, Herculano Arlindo. **A sub-representação feminina e os critérios de recrutamento político na Guiné-Bissau: os casos do PAIGC e do PRS**. 2019. Dissertação (Mestrado em Ciências Políticas) - Departamento de Ciência Política e Políticas Públicas, Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, 2019. Disponível em: <https://repositorio.iscteuiul.pt/bitstre>. Acesso em: 17 abr. 2023.

Ministério da Educação Nacional, da Cultura, da Juventude e dos Desportos – MINJUD). Guiné-Bissau: **Relatório da Situação do Sistema Educativo**. Margens de manobra para o desenvolvimento do sistema educativo numa perspectiva de universalização do Ensino Básico e de redução da pobreza. 2013.

MOREIRA, Joacine, K. **A Cultura di Matchundadi na Guiné-Bissau: Género, Violências e Instabilidade Política**. Tese (Doutorado em Estudos africanos) - Escola de sociologia e políticas públicas, Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, 2017. Disponível em: <https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/> Acesso em: 17 abr. 2023

OMS. **Definição de violência**. 2010. Disponível em: <http://www.who.int/violenceprevention/approach/definition/en/index.html>. Acesso em: 17 abr. 2023.

OYÈWÚMI, Oyèronké. **Conceituando o género: os fundamentos eurocêtricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas**. Volume 1, Dakar, Codesária, 2004.

Relatório do Projeto Borgen: **Educação De Meninas Na Guiné: Rompendo Barreiras**. 2018. disponível em: <https://borgenproject.org/girls-education-inguinea-breaking-barriers>. Acesso em: 17 abr. 2023.

SILVA. Cleunismar: **Violência contra mulheres e os desafios das igualdades na Guiné-Bissau**. 2011.